
“Enquanto eu dormia, cavaram uma cova no fundo do meu peito”: Mineração, deslocamento compulsório e pichações nas ruínas de cinco bairros fantasmas (Maceió-AL)

While I slept, a grave was digged deep inside my chest”: Mining, forced displacement and graffiti on the ruins of five ghost neighborhoods (Maceió-AL)

Luiza Souza, Aissa Simas Petronilho e Carlos Eduardo



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/15184>

DOI: 10.4000/pontourbe.15184

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Luiza Souza, Aissa Simas Petronilho e Carlos Eduardo, «“Enquanto eu dormia, cavaram uma cova no fundo do meu peito”: Mineração, deslocamento compulsório e pichações nas ruínas de cinco bairros fantasmas (Maceió-AL)», *Ponto Urbe* [Online], 31 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023, consultado o 24 julho 2024. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/15184> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.15184>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 de julho de 2024.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

“Enquanto eu dormia, cavaram uma cova no fundo do meu peito”: Mineração, deslocamento compulsório e pichações nas ruínas de cinco bairros fantasmas (Maceió-AL)

While I slept, a grave was dug deep inside my chest”: Mining, forced displacement and graffiti on the ruins of five ghost neighborhoods (Maceió-AL)

Luiza Souza, Aissa Simas Petronilho e Carlos Eduardo

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original version 25/03/2023

Aceito em / Accepted 05/05/2023

Introdução

- 1 O presente artigo tem por objeto o conjunto de pichações feitas nos escombros e em torno de cinco bairros fantasmas, arruinados em consequência de um desastre socioambiental em curso no território urbano da cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas. O desastre, que veio a público em 2018, é resultado de quatro décadas de mineração de sal-gema do subsolo da cidade pela gigante petroquímica Braskem S/A, desencadeando um processo acelerado de afundamento e um leque de efeitos deletérios sobre o território urbano. A destruição dos cinco bairros - Pinheiro, Bebedouro e Mutange em sua totalidade, Farol e Bom Parto parcialmente - teve como consequência

o deslocamento compulsório de cerca de 60 mil pessoas que viviam e trabalhavam no território arruinado, além da deterioração das condições de existência dos que habitam as fronteiras do desastre.

- 2 Desde o recorte dos escritos e desenhos nos muros e paredes, nosso interesse é compreender como os atores sociais respondem ao crime socioambiental a partir das pichações em suas residências e comércios, considerando-as como parte da produção de novas subjetividades em espaços em transformação. As pichações são analisadas a partir da interseção entre as materialidades e formas de resistência e existência, considerando que os atores se articulam mediados pelas estruturas que os cercam ou por sua ausência.
- 3 Os processos de deslocamento compulsório, despossessão, demolição e fechamento parcial dos bairros produziram uma paisagem de ruínas, reconfigurando as vidas e projetos de futuro das pessoas que deixaram suas casas ou passaram a viver no entorno dos chamados "bairros fantasmas". A imagem drástica de bairros abandonados, com fins anunciados, é inseparável das pichações e grafites que encontramos nos muros e paredes remanescentes das construções degradadas. Tais intervenções acionam memórias, frustrações, denúncias e reivindicações dos moradores frente à impossibilidade de permanecer nos bairros onde construíram suas trajetórias de vida.
- 4 O artigo está dividido em cinco seções, a começar por uma breve explanação metodológica. Em seguida, apresentamos algumas considerações de cunho teórico em diálogo com a literatura antropológica. Apoiamo-nos na noção de evento crítico (Das, 1995, 2020) para compreender os efeitos subjetivos desta violência aniquiladora de um mundo compartilhado. As reflexões de Das nos dão subsídios para analisar as pichações como um recurso expressivo que permite aos sujeitos falar sobre as perdas materializadas na paisagem espectral dos bairros fantasmas. Articulamos essa discussão com a literatura sobre *graffiti* em contextos críticos, destacando o conceito de *catastroffiti*, de Hagen et al. (1999), como contribuição para o campo incipiente. Tal diálogo nos permite fazer uma leitura das pichações na chave da mobilização popular e da formação de comunidades políticas. Por fim, a partir da literatura sobre ruínas, apresentamos as convergências entre as preocupações compartilhadas pelo campo teórico, enquanto objeto para pensar temporalidades e memórias, e as temáticas manifestadas em meio ao arruinamento dos bairros pelos próprios atores sociais por meio das pichações.
- 5 Contextualizamos o crime socioambiental da Braskem em Maceió, compreendendo o desastre enquanto processo em curso, e retratamos o processo de deslocamento compulsório dos moradores e o arruinamento dos bairros. Introduzimos as imagens de pichações e interventores locais, incluindo projetos fotográficos do qual fazemos parte, na capacidade de enunciadoras do desastre e de seus efeitos sociais, assim como de transformadores da paisagem. Desde a experiência etnográfica, localizamos as intervenções desde suas materialidades e em diálogo com os processos de arruinamento, demolição das propriedades e encolhimento da vida social na região, considerando que elas permitem materializar o processo crítico em curso.
- 6 Na seção seguinte, argumentamos que destruição do cenário físico e da tessitura social e cultural da vizinhança gerou a fragmentação da memória histórica e coletiva compartilhada pelos moradores, a destruição da arquitetura do cotidiano e dos sistemas de significados a ela associados. As pichações feitas por moradores e ex-moradores nas paisagens de seu cotidiano roubado podem ser compreendidas como formas de

recodificar e expressar a experiência inenarrável de perda e empobrecimento frente à violência sofrida. Por fim, analisamos dois temas centrais identificados nas pichações para compreender os impactos do desastre na emergência de novas subjetividades.

Considerações metodológicas

- 7 Este artigo foi escrito a várias mãos. Os três pesquisadores que colaboraram para a construção deste trabalho são vinculados a programas de pós-graduação distintos, participam de grupos de pesquisa diversos e frequentam universidades em diferentes regiões do Brasil (sudeste, centro-oeste, nordeste). Conduzimos trabalhos de campo etnográficos independentes entre si, variando em duração e início das investigações (2022, 2021 e 2018 até o presente), repertórios técnicos privilegiados de cada antropólogo, redes de relações cultivadas com interlocutores, interesses específicos de pesquisa, posturas e posições relativas ao contexto empírico. A catástrofe, o território por ela marcado e suas fronteiras, seus habitantes expulsos e remanescentes são motes comuns às três pesquisas. Em outubro de 2022, enquanto realizávamos investigações etnográficas simultâneas em Maceió, nós três convergimos por intermédio de contatos previamente estabelecidos em campo. Cooperamos presencialmente em algumas ocasiões, agregando nos esforços de pesquisa e na construção de dados por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas e percursos fotoetnográficos.
- 8 A fotoetnografia, em especial, é um recurso privilegiado na produção do terceiro autor deste artigo. O antropólogo é criador e coordenador do projeto Cotidiano Fotográfico, que objetiva registrar o dia a dia da cidade de Maceió para além de sua imagem turística, e acompanha os desdobramentos do desastre desde suas primeiras manifestações. Voltaremos a tratar do Cotidiano Fotográfico em um momento posterior do texto, situando o projeto, assim como a própria prática antropológica, no mesmo nível de realidade compartilhado por todo o conjunto de atores que conformam o campo empírico em questão. Por ora, adiantamos que o acervo do projeto foi um material primário de análise neste trabalho. Os registros compilados ao longo dos últimos cinco anos incluem 71 instâncias de pichações e grafites singulares em muros externos e paredes internas de imóveis na região dos bairros fantasmas e seu entorno. Além deste acervo e dos dados etnográficos produzidos pelas duas autoras, trabalhamos com análise documental de registros de jornais locais, documentos jurídicos produzidos no contexto da investigação encabeçada pelo Ministério Público Federal, e materiais publicitários produzidos e divulgados pela Braskem S/A. Faremos menção a esses dados ao longo do texto na medida em que contribuem para avançar a análise. Este artigo é, em suma, um retrato compósito de investidas etnográficas, dados primários e secundários, experiências de trabalho individual e conjunto, diálogos e negociações entre os três antropólogos que o assinam.

Contextos críticos, pichações e ruínas enquanto objetos de estudo

A catástrofe e os muros da cidade

- 9 Nos últimos anos, a literatura antropológica tem somado publicações na linha de uma incipiente antropologia do desastre no Brasil (Taddei, 2016; Ribeiro, 2020), que se volta

principalmente para contextos críticos consequentes dos efeitos deletérios das mudanças climáticas e/ou para a gestão de riscos em sistemas sociotécnicos. Uma definição comum de desastre implica a desorganização da ordem social, cultural, econômica e política de uma coletividade; Taddei (2016) argumenta que, longe de excepcionais, as catástrofes estão praticamente embutidas nas formas de organização econômica e política brasileiras.

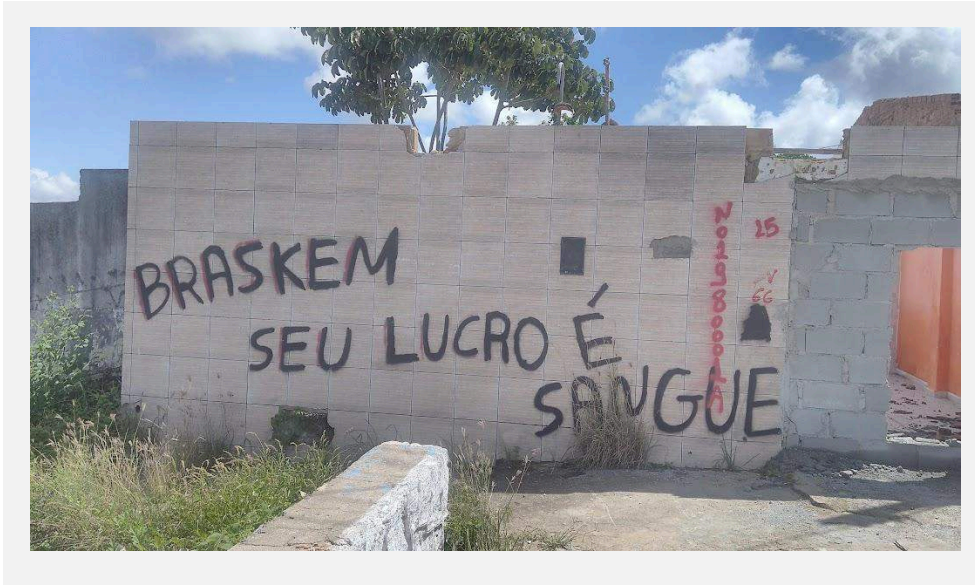
- 10 Este trabalho não compartilha do propósito de contribuir para a construção de um conceito unificado de catástrofe. Antes, nos interessam os modos de conhecer a catástrofe a partir da convivência cotidiana, e a prática etnográfica nos sugere que esse registro de saber é inaugurado pela crua dificuldade. Como entender, então, de que formas essa violência é absorvida na vida das comunidades? Como a experiência vivida da catástrofe é expressa, suportada ou sublimada? Que tipo de socialidade é reconstituída no rescaldo da desagregação? Ou, nos termos de Veena Das (2022), como a vida é refeita por meio das éticas e estéticas do cotidiano?
- 11 O conceito de evento crítico elaborado por Das (1995, 2020) nos dá subsídios para pensar as interpenetrações entre a catástrofe, em sua brutalidade extraordinária, e os registros semânticos da vida cotidiana que tornam a experiência tangível e inteligível sob diferentes recursos expressivos. Por evento, entende-se, a princípio, um constructo histórico que constitui uma ruptura com o ordinário. Essa noção torna-se mais complexa na medida em que os eventos se entremeiam no cotidiano ao longo do tempo. Traçar fronteiras em torno de um evento qualquer não é uma tarefa simples; mapear quando um evento começa e termina, como diferentes eventos em uma cadeia de conexão se mimetizam uns aos outros, como o evento pode se remeter e se fixar ao cotidiano de modos específicos, e como o que aparece como fruto da contingência absoluta pode, em uma análise mais detida, revelar rastros da socialidade cotidiana.
- 12 No limite, o evento torna-se uma instância sempre ligada ao ordinário. O que delimita as fronteiras entre um e outro é o fracasso da gramática do ordinário (2020, p. 30) em lidar com as circunstâncias inauguradas pelo evento. Esse fracasso da gramática, que implica no fim dos critérios estabelecidos, é o que a autora vê como a violência aniquiladora do mundo. Na elaboração de Das (1995), o evento crítico é um evento por excelência, pois inaugura uma nova modalidade de ação histórica que não estava inscrita no inventário da situação. Após o evento, novos modos de ação passam a existir, redefinindo categorias tradicionais, e uma variedade de grupos políticos assume novas formas (idem, p. 5). Isto posto, interpretamos as pichações como expressões características da nova gramática do cotidiano em vias de constituição.
- 13 A literatura especializada nos fornece subsídios para apoiar e ampliar esta interpretação. Carastathis e Tsilmpounidi (2021) afirmam que os muros de cidades se tornam telas de resistência diante de contextos críticos ao comunicarem e amplificarem discursos contra múltiplas formas de violências e desigualdades. Considerando as variações terminológicas para as múltiplas formas de escrever e marcar os muros e demais aparatos urbanos da cidade, entendemos que a atual diferenciação realizada entre *street art* e *graffiti* na literatura de língua inglesa equivale, em certa medida, às posições do grafite e da pichação no Brasil. Enquanto o primeiro é hoje vinculado à ideia de painéis elaborados realizados no tecido urbano, inclusive com inserção no mercado da arte, entende-se por pichação os escritos realizados de forma rápida e clandestina em muros e edificações da cidade (Souza, 2007). As pichações, ou *graffiti*, surgem tanto por meio de *tags* com pseudônimos dos pichadores quanto por

- frases escritas, frequentemente de caráter contestatório e com viés político, denominado por *political graffiti* (Pavoni; Zaimakis; Campos, 2021). A partir da difusão destas práticas por cidades de todo o mundo, interessa-nos discutir a relação entre eventos críticos e a aparição do *political graffiti*, aqui nomeado enquanto pichação, no tecido urbano.
- 14 A pichação apresenta-se como possibilidade de reação e construção de narrativas alternativas no espaço público diante de um cotidiano marcado, cada vez mais, por um “estado permanente de emergência, precariedade e incerteza” (idem, p.1). Tal relação remete à própria ascensão do *graffiti* enquanto prática disruptiva junto ao movimento hip-hop em cidades norte-americanas marcadas por desigualdades sociorraciais na década de 1970 (idem). Os autores argumentam que tais práticas ativistas e artísticas se unem em formas visuais de protesto que desafiam o consenso existente e transformam a aparência da paisagem urbana.
 - 15 O surgimento das pichações em tais contextos permite acessar reivindicações dos atores sociais que frequentemente não aparecem em narrativas predominantes, como de mídias tradicionais (Sharaf, 2015). Carastathis e Tsilimpounidi (2021) argumentam que, por esse motivo, as autoridades são perspicazes em controlar e eliminar grafites e pichações desde a justificativa de depredação do espaço público. A partir do conceito de direito à cidade de Lefebvre, Zieleniec (2020) compreende as pichações como possibilidade de usufruir e produzir o espaço urbano, ainda que de forma temporária. Em meio a práticas homogeneizantes do planejamento urbano, comércio e da extensa regulamentação e crescente policiamento dos espaços públicos, tais intervenções permitem disputar narrativas nas paisagens urbanas a partir do plano material.
 - 16 Enquanto formas alternativas de compreender experiências locais, a pichação se estabelece em contextos críticos como indicador de interações, prioridades e políticas especializadas dos atores sociais (Haworth et al., 2022). A espacialidade de tais intervenções pode representar os caminhos realizados pelos remetentes, como “pegadas” de manifestações políticas em espaços centrais das cidades (Di Filippo, 2016), com o objetivo de estabelecerem discursos de resistência e reivindicação no espaço do cotidiano urbano. Além disso, pichações em contextos de repressão e violência também apoderam-se de espaços com o propósito de denúncia e homenagem às vítimas, revelando indignação e impotência enquanto estabelecem um diálogo com aquele ao qual querem homenagear (Medeiros, 2014).
 - 17 A associação entre contextos de catástrofes e o surgimento de pichações é, entretanto, escassa na literatura das ciências sociais¹. Hagen et al. (1999) sugerem que o tema deveria ser mais explorado por acadêmicos devido à profusão de escritos e desenhos em muros em contextos de desastre, indicando o termo *catastroffiti* para abordar tais cenários. Os autores consideram que estes escritos possibilitam a criação de um discurso comunitário, no qual os moradores podem expressar suas frustrações, tristezas, esperanças e sobrevivências (idem, p.155). Em oposição à relação do *pixo* com o anonimato citadino e a formulação de pseudônimos (Campos, 2009), o *catastroffiti* é realizado frequentemente na própria residência ou estabelecimento comercial pelos seus donos. A associação da literatura sobre grafites e pichações enquanto táticas de subversão frequentemente associadas a ações de vandalismo também não ocorre em relação aos *catastroffitis* (Alderman; Ward, 2008)
 - 18 Ao se fazerem presentes no próprio território atingido pelo desastre, os *catastroffitis* ocupam por vezes o mesmo espaço de outras intervenções no aparato urbano realizadas

por parte das autoridades, servindo como resposta que subverte as narrativas burocráticas e estanques sobre os processos de preparação ou recuperação de um desastre (Hagen et al., 1999). Nessa mesma linha, Alderman e Ward (2008) evidenciam os usos das materialidades utilizadas para prevenir-se de furacões como aparato para a execução de *catastroffitis*. A partir de pedaços de madeira compensada em janelas, úteis para a proteção de ventos fortes e detritos voadores, moradores utilizam-os como suporte material tanto para mensagens de sobrevivência e alerta, quanto mensagens que focam em aspectos psicológicos, como desespero, fé e esperança.

Processos de arruinamento

- 19 Como um segundo conjunto de estudos analisados, a literatura antropológica sobre ruínas se mostrou conciliável com o caso devido aos temas abordados pelos pesquisadores e sua confluência com os conteúdos das pichações analisadas. Identificamos como as principais temáticas abordadas na literatura o fato de que a reflexão sobre ruínas permite a) argumentar sobre processos de declínio e desestruturação de sistemas sociais a partir da materialização de sua decadência, b) discutir passado, presente e futuro, incluindo as possibilidades de recuperar ou não o esquecido, agir sobre o presente e imaginar futuros e c) analisar o (não) uso desses territórios e as materialidades que constituem o cotidiano. Junto a esse debate, incluímos indagações referentes a extrativismos, compreendendo que o arruinamento de espaços afetados por crimes socioambientais não ocorre sem uma série de atravessamentos econômicos e políticos.
- 20 Os registros das ruínas a partir de sua associação com processos de decadência e desestruturação de sistemas sociais têm como referência os escritos de Walter Benjamin. O autor analisa as ruínas enquanto a materialização das tendências destrutivas do capital e que, por consequência, permitem perfurar a retórica capitalista em relação às narrativas sobre progresso (Dawdy, 2010). As casas e ruas abandonadas em Maceió tornam visíveis e concretos os efeitos da mineração desenfreada, que teve como justificativa e expectativa desde sua implementação o desenvolvimento da região, a inserção de Maceió e Alagoas no mercado e geração de empregos e renda (Vieira, 1997 *apud* Martins; Ribeiro, 2016). Dentre os gêneros abordados pelos grafites nos bairros abandonados, aqueles dirigidos à Braskem expõem as contradições referentes ao processo de exploração de sal-gema nos muros dos territórios atingidos pelo afundamento do solo [Figura 1].



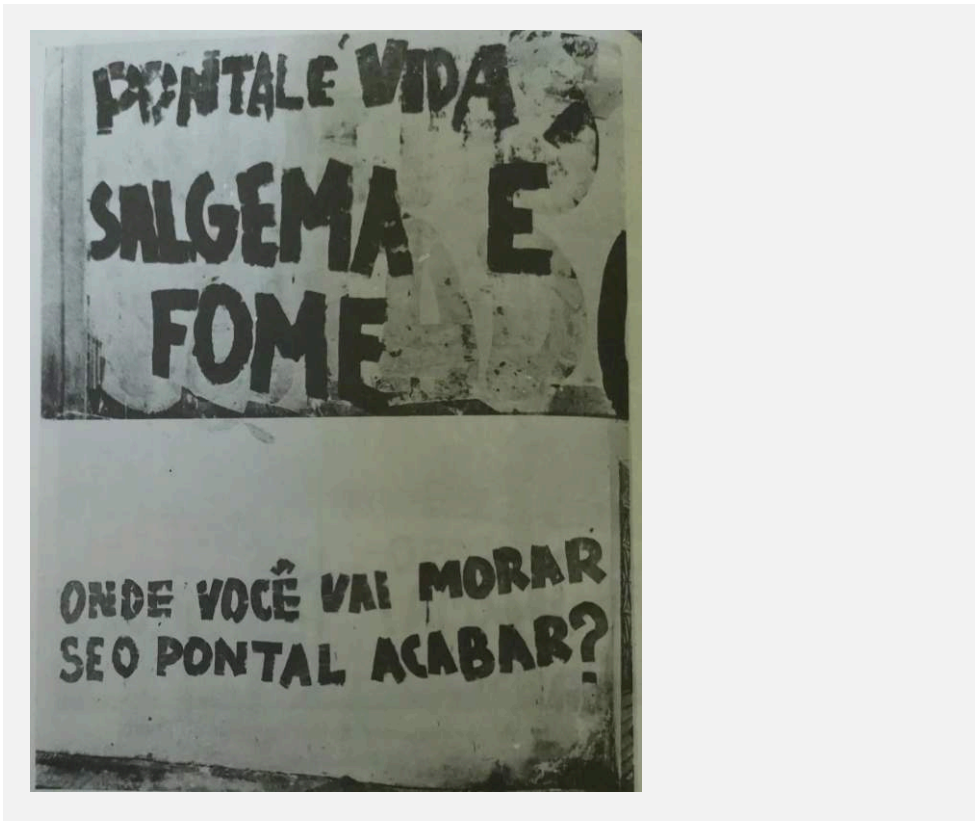
Pichação: BRASKEM SEU LUCRO É SANGUE

Fonte: Cotidiano fotográfico, Bairro do Pinheiro, Maceió, 2021

- 21 Como segundo aspecto, a relação entre ruínas e temporalidades surge a princípio pela marca do passado e pelo que “um dia já foram” (Gankó, 2019, p.246), remetendo a discussões sobre memória e luto. Reyes Herrera et al. (2014) as consideram enquanto uma fragmentação entre o passado como lembrança do que já não existe, o presente em ruínas e o futuro marcado pela incerteza e sentimento de abandono, de modo que a própria vida no presente é refém da potencial violência que representa o futuro, como aponta Schafers (2016). As intervenções realizadas pelos moradores por meio das pichações evidenciam justamente esse lugar da memória e luto pela casa e pelo bairro, como veremos nos tópicos seguintes.
- 22 Por fim, a inscrição das ruínas no cotidiano surge a partir dos (des)usos do território e de seus materiais. Gankó (2019) e Schafers (2016) entendem que a separação entre os usos comuns de áreas urbanas e os de áreas ocupadas por ruínas se dá tanto pelo medo e insegurança que essas áreas promovem a partir do seu esvaziamento quanto pelos potenciais riscos que a estrutura e território oferecem. Archambault (2021), Dawdy (2010) e Pusca (2010) argumentam, nesse sentido, como os materiais que compõem as ruínas adentram o cotidiano por meio de usos comerciais, quando os objetos que compõem casas e edifícios se tornam interesse de comércio, reciclagem e reuso, assim como é aproveitado o abandono desses espaços para a realização de atividades clandestinas.
- 23 Compreendemos que os temas analisados na literatura sobre ruínas apresentam-se, pragmaticamente, para os próprios atores sociais por meio da análise das pichações que realizam no território. Desse modo, a experiência do arruinamento de suas casas e bairros levam os moradores a se manifestarem em relação às tendências destrutivas do desenvolvimento capitalista em seus efeitos locais por meio de críticas à empresa e à ruptura das temporalidades, e ampliam a discussão sobre usos e desusos do território a partir das intervenções, como discutiremos nos tópicos seguintes.

Transformando a paisagem: mineração, arruinamento e pichações

- 24 A história da extração de sal-gema em Maceió teve início nos anos 1940. No processo de prospecção de petróleo em uma área próxima à Lagoa Mundaú, ao sul de Maceió, foi encontrado um leito de sal-gema sob a cidade. A descoberta imprevista do mineral demonstra, contudo, que a dinâmica de exploração de recursos minerais já se fazia presente na região, como argumenta Ticianeli (2015). O primeiro complexo industrial de exploração de sal-gema em Maceió foi estabelecido em 1967, composto pelas empresas Salgema Indústrias Químicas S/A e Salgema Mineração S/A. Em poucos anos, o complexo recebeu investimentos vultosos do BNDES e, em seguida, da Petrobras Química S/A (Petroquisa).
- 25 O contexto de instauração dessa indústria em Alagoas, em meio à ditadura civil-militar, evidencia a dinâmica característica das relações de cooperação entre Estado e empresariado à época do "milagre econômico", que resultou na falta de regulamentação para a atividade extrativista e na omissão de riscos sociais e ambientais do debate público. Ainda assim, o histórico de contestação popular dos impactos gerados pela extração mineral se fez presente desde os planos de fundação da empresa, como evidenciado por registros das intervenções urbanas da época [Figura 2].
- 26 O grupo Odebrecht entrou com um investimento minoritário no complexo industrial Salgema em 1981, quando a exploração do minério de sal começou a gerar lucros, e adquiriu controle em 1995, aproveitando-se do processo de privatização do setor então em andamento. Em 2002, a Braskem S/A foi fundada, resultado da fusão de vários empreendimentos da Odebrecht e de mais algumas grandes aquisições do grupo no setor. A gigante petroquímica Braskem é uma empresa transnacional de capital aberto, cujos acionistas majoritários são o conglomerado Nonovor (antiga Odebrecht) e a Petrobras. Em Alagoas, a empresa possui quatro unidades, duas em Maceió e duas na antiga capital Marechal Deodoro, que pertence à Região Metropolitana de Maceió. Três destas unidades são plantas químicas, incluindo a unidade do Pontal da Barra, e a quarta, localizada nos escombros do bairro do Mutange, é responsável pela administração das 35 minas de sal perfuradas pela Braskem em vários bairros de Maceió, hoje oficialmente desativadas e em processo de preenchimento.



PONTAL É VIDA, SALGEMA É FOME
ONDE VOCÊ VAI MORAR SE O PONTAL ACABAR?
Fonte: Vieira, 1997

- 27 Ao longo de mais de quatro décadas, a exploração de sal-gema para a produção de PVC e soda cáustica gerou uma série de acidentes que atingiram tanto trabalhadores quanto moradores de bairros próximos à indústria, como é o caso do Pontal da Barra (Vieira, 1997). Entretanto, pouco se sabia sobre a extensão das cavernas que eram cavadas sob os bairros da cidade. As inseguranças e violências vivenciadas pelos moradores dos bairros atingidos alcançaram níveis desmedidos a partir de fevereiro de 2018, com os primeiros indícios de afundamento do solo no bairro do Pinheiro a partir do surgimento de crateras e rachaduras nos imóveis e ruas do bairro, e a consequente evacuação dos primeiros moradores.
- 28 No decorrer dos últimos cinco anos, as ruínas dos cinco bairros consumidos pela mineração de Salgema se constituíram sobre os escombros de mais de 14 mil imóveis, avançando sobre uma área de 300 hectares do território urbano de Maceió (Fragoso, 2022). Desde que as primeiras rachaduras foram noticiadas, o território adentrou um processo de transformação contínua e assumiu diversas feições, nenhuma delas definitiva. Se antes os cinco bairros contíguos possuíam características espaciais e sociais particulares², distintas entre si e interrelacionadas de formas plurais, este evento crítico (Das, 1995) os unificou em sua desfiguração, condensando-os em uma presença espectral no coração da cidade.
- 29 O percurso etnográfico nos bairros em processo de abandono e arruinamento em Maceió nos coloca em confronto com o que está bruscamente desaparecendo, da contínua demolição das propriedades ao encolhimento da vida social na região. A preocupação do registro diante do que está em transformação é uma discussão que

remete à origem da antropologia, considerando a então perspectiva de que seria necessário registrar culturas diante de seu aparente desaparecimento (Malinowski, 1984), ocultando processos coloniais violentos inscritos nesses processos.

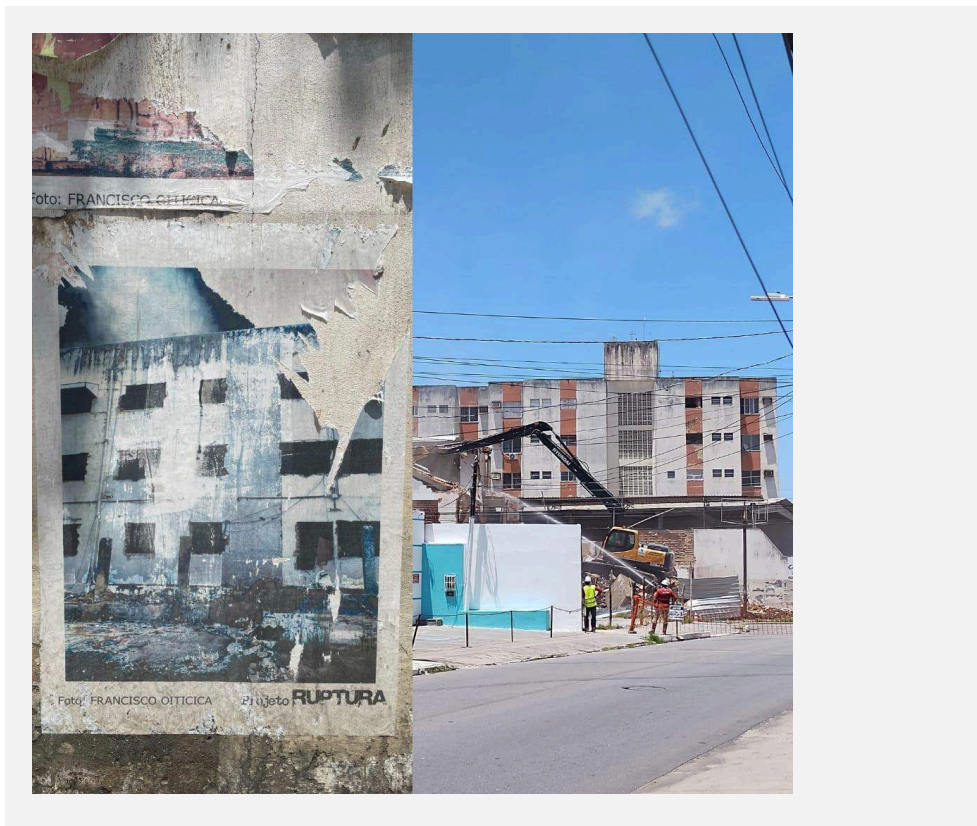


Antes e depois da Ladeira do Calmon, Bebedouro
 Fonte: Google Street View (2012) e Luiza Fonseca (2022)

- 30 O registro fotográfico de ruínas, objeto que representaria por excelência os vestígios de algo que deixou de existir, é também tema de discussão. Millington (2013) considera como representações fotográficas e jornalísticas sobre as ruínas reforçam a dicotomia entre o cotidiano e os espaços ocupados por ruínas, enfatizando como a natureza que 'invade' os terrenos e construções é destacada nas representações à parte da vida cotidiana e das dinâmicas urbanas, resultando na invisibilização daqueles que habitam e convivem nesses território. No caso analisado, compreendemos que o arruinação dos bairros é acompanhado de diferentes manifestações de vida social, ainda que profundamente alteradas pelo deslocamento compulsório de moradores e comerciantes³.
- 31 Fazer-nos presentes enquanto pesquisadores diante de tal contexto demanda, portanto, um posicionamento ético diante da conjuntura, construído a partir do diálogo com os atores sociais em campo, tanto moradores quanto demais agentes que se empenham em dar visibilidade ao caso. Com o intuito de desenvolver sobre as pichações no território, incluímos a pesquisa e duas iniciativas de projetos fotográficos e interventores locais enquanto esforços de registrar o cotidiano e a ruptura, categorias que dão nome aos projetos fotográficos, frente às transformações drásticas que ocorrem no território.
- 32 O projeto Cotidiano Fotográfico, de um dos autores do presente artigo, surgiu como iniciativa de fotografar o dia a dia na cidade de Maceió, renegado diante das imagens turísticas da cidade litorânea. Desde as primeiras manifestações do desastre em curso, o

cientista social e fotógrafo se dedica a registrar os bairros em afundamento considerando a pouca visibilidade do crime socioambiental no cenário local e nacional. Suas fotografias compreendem as transformações constantes nos bairros atingidos pelo afundamento do solo, compondo o maior acervo fotográfico referente ao desastre, com mais de 5 mil fotos dos cinco bairros atingidos desde o ano de 2020.

- 33 O projeto Ruptura, idealizado por Andréa Guido, reúne fotógrafos da cidade de Maceió, alguns dos quais foram deslocados compulsoriamente de suas casas ou ainda vivem nos bairros atingidos. Além das fotografias disponibilizadas em suas redes sociais, o projeto participou de exposições fotográficas no Complexo Cultural do Teatro Deodoro, em Maceió. Destacamos também duas intervenções realizadas pelo projeto em Maceió. Em novembro de 2021 o coletivo realizou uma intervenção na orla da praia de Pajuçara com o título "Finados bairros", em que foram impressas fotografias do projeto em lenços e, a partir de suas vendas, o dinheiro foi doado para o asilo de Bebedouro. Como segunda iniciativa, foram feitas colagens em lambe-lambe com fotografias em um prédio no Bebedouro [Figura 5], em frente a praça Lucena Maranhão, e outra no Pinheiro, em edifício que foi demolido pela Braskem em março de 2023.



O lambe-lambe (Projeto Ruptura) e a demolição do edifício no dia 25 de março de 2022

Fonte: Luiza Souza (2022) e Cotidiano Fotográfico (2023)

- 34 Ainda que estudos sobre *graffiti* e pichações considerem a natureza efêmera dessas intervenções (Lima et al., 2022; Victoria; 2023), o caso aqui apresentado tem como particularidade o fato da maioria das intervenções serem feitas em locais que estão sob controle da empresa e destinados à demolição. A indenização aos moradores é feita a partir da compra de seus imóveis pela Braskem, de modo que a empresa passa a ter controle de grande parte do território atingido pela mineração⁴. Por consequência, as intervenções também são rapidamente cobertas ou derrubadas pela empresa ou por

companhias terceirizadas contratadas, de modo que as fotografias realizadas ao longo dos últimos cinco anos são essenciais para manter um acervo das pichações e registrar as súbitas transformações da paisagem.

- 35 Os fotógrafos que compõem o Cotidiano Fotográfico e o Projeto Ruptura relatam que em suas incursões pelos bairros são reiteradamente abordados por seguranças de uma empresa privada contratada pela Braskem. A vigilância dos bairros ocorre a partir de câmeras e drones; quando são identificadas pessoas fazendo registros ou mesmo andando pelos bairros, servidores da empresa logo aparecem questionando o que está sendo feito e fotografado, reiterando que as pessoas estão sendo gravadas e que é proibido entrar em imóveis abandonados, propriedades da Braskem. Durante o processo de campo, em conversas com uma interlocutora do Projeto Ruptura, a questão da "segurança" realizada pela empresa terceirizada foi questionada. Ela relata que a empresa exerce uma vigilância meticulosa em relação aos imóveis desocupados e à área ao redor, o que não ocorria com os moradores e suas residências enquanto nelas viviam⁵.
- 36 Em meio a esse cenário de controle e vigilância, as pichações analisadas não surgem como única marcação nos muros de imóveis abandonados. Códigos grafados pela empresa e pela Defesa Civil indicam os imóveis condenados por meio de X vermelhos e números de série. São estes inclusive os primeiros símbolos a marcar os muros de imóveis quando ainda são ocupados pelos moradores. Ao apropriarem-se dos mesmos locais que os signos tecnocráticos do desastre, as pichações disputam a narrativa sobre o crime socioambiental, tal qual aponta a literatura sobre *catastroffiti*.



QUANTO CUSTA A MINHA HISTÓRIA?

Fonte: Cotidiano Fotográfico, Bairro de Bebedouro, Maceió, 2020

- 37 A materialidade sobre as quais as intervenções são realizadas também é pertinente pois revela a temporalidade das mesmas em relação ao arruinamento. Na Figura 6, as pichações em vermelho ocupam exclusivamente o espaço do muro da casa. O tapamento de tijolos é realizado por terceiros contratados pela Braskem após a remoção dos moradores, quando estes costumam retirar portas, janelas e telhas para reutilizar ou revender. O concreto marcado pelas pichações, e único material não reaproveitável, compõe as imagens de arruinamento junto à natureza que toma os

espaços (Archambault, 2021). Essas pichações, mais comuns, ocorrem portanto antes ou durante o período em que o morador está sendo removido. Já na figura 7, podemos ver inscrições em vermelho feitas pelas Braskem e Defesa Civil no muro azul do imóvel e a pichação "Minha família morou aqui" feita sobre o tapamento de tijolos, significando que aqueles que realizaram a pichação retornaram ao local posteriormente.



MINHA FAMÍLIA MOROU AQUI

Fonte: Cotidiano Fotográfico, Bairro do Pinheiro, Maceió, 2021

- 38 As intervenções urbanas e seus respectivos registros fotográficos possibilitam materializar o processo crítico do crime socioambiental enquanto ele se inscreve nos espaços e na vida cotidiana (Mbembe; Roitman, 1995). Ao tomarmos os grafites, pichações e demais intervenções enquanto um dos enunciadores do crime socioambiental e de seus efeitos sociais, entendemos que as estruturas em ruínas sobre as quais eles estão inscritos dão existência material ao luto e às reivindicações dos moradores dos bairros.

Movimentos de luto e luta

- 39 A estética da catástrofe é artificialmente unívoca. Por todos os lados vê-se esqueletos de alvenaria barricados por tapumes de aço galvanizado, recobertos por vegetação invasiva. Edificações verticais e horizontais arruinadas, sem portas, sem janelas, sem telhados, tapadas e remendadas repetidas vezes por tijolos de concreto. Uma quantidade crescente de lotes vazios terraplanados e ruas de acesso interdito, vigiadas noite e dia por funcionários terceirizados a serviço da Braskem, rondadas por cachorros e gatos abandonados. E, ubíquas como os escombros, as pichações. Como forma de intervenção urbana, tão estética como política, manifestam uma série de disputas que ocorrerem no âmbito dos processos de deslocamento compulsório e arruinamento que reconfiguraram o espaço urbano dos ditos bairros fantasmas e suas adjacências. Antes, no que há de fundamental, as pichações são testemunhos da aniquilação de um mundo.



Casas abandonadas sem telhas, portas e janelas no bairro de Bebedouro

Fonte: Cotidiano Fotográfico, Bairro de Bebedouro, Maceió, 2021

- 40 Tal como a entendemos, a violência destrutiva da catástrofe escapa a qualquer narração. Sempre faltam palavras para expressar a devastação irreversível de um mundo compartilhado, a perda de uma forma de vida singular e insubstituível. A expropriação dos bairros afundados foi um grande acontecimento que aniquilou um mundo no sentido propriamente material e engendrou, em seu esteio, uma aniquilação subjetiva. A ruptura com a memória histórica e afetiva compartilhada entre moradores, a extinção da socialidade cotidiana da vizinhança, dos arranjos de moradia entre gerações de parentes e afins, a fragmentação das manifestações culturais e religiosas tradicionais celebradas em espaços que não existem mais, a destruição dos trajetos, da própria arquitetura do cotidiano e dos sistemas de significados a ela integrados – são muitas as imagens de perda e empobrecimento associadas às ruínas. Para entender os efeitos subjetivos de toda essa metafísica da perda, voltamos nossa atenção para as condições sob as quais se torna possível falar da experiência, e encontramos nas pichações uma maneira de expressá-la e recodificá-la na voz⁶ das vítimas, reocupando os signos da destruição.



ENQUANTO EU DORMIA CAVARAM MINHA COVA NO FUNDO DO MEU PEITO

Fonte: Cotidiano Fotográfico, Bairro de Bebedouro, Maceió, 2021

- 41 O processo de deslocamento compulsório dos moradores foi inscrito no inventário do evento como uma morte social coletiva. O mote da morte em vida aparece, por vezes, de maneira explícita. Na ladeira do Calmon, um trecho de Bebedouro já arruinado mas ainda muito transitado, lemos um verso no muro: “Enquanto eu dormia, cavaram minha cova no fundo do meu peito” [Figura 8]. Essa e outras intervenções incorporam e rearticulam certos códigos culturais de luto, tomando, no geral, a forma de lamentos. O trabalho desempenhado por esses lamentos de luto começa por tornar pública a perda. É pertinente reiterar que, assim como no caso dos *catastroffitis*, as pichações que encontramos nas ruínas dos bairros fantasmas têm autoria explicitamente reivindicada por moradores e ex-moradores. De fato, há um gênero amplamente difundido de pichações que basicamente registra e declara os nomes dos antigos moradores nos destroços de suas casas demolidas, projetando a história particular da família na esfera pública [Figura 9].



Árvore genealógica entre códigos de série no bairro do Pinheiro

Fonte: Cotidiano Fotográfico, Maceió, 2021

- 42 Os lamentos são dirigidos à própria família, aos antigos vizinhos, aos possíveis transeuntes, aos bairros destruídos, às autoridades públicas, à Braskem, a Deus. Em todos os casos, a autoria expressa os pontos de vista simultâneos de vítima e testemunha, e a mensagem se destina a um receptor que é, ele mesmo, também testemunha da violência perpetrada. Em meio às ruínas, a violência é palpável, audível e visível. As pichações, aqui, operam não apenas no registro gráfico da palavra escrita, mas como gestos – elas apontam para o ambiente que as circunda, demandam a apreensão de todo o contexto de devastação em que estão imersas, e gritam a gravidade irreparável do dano. As pichações, como símbolos e como gestos, mostram a dimensão inenarrável da perda por meio da objetivação do sofrimento no espaço.

Dois temas em relevo

- 43 Identificamos dois temas centrais que atravessam o conjunto de pichações que registramos e analisamos no espaço dos bairros fantasmas: amor e crime. Em seu contexto empírico, esses temas com frequência se entremeiam nas mesmas mensagens. Para fins de análise, contudo, discutimos os temas separadamente.

Amor

- 44 Que tipo de tema é o amor? Inefável, indefinível, fugidio, não o perseguiremos em suas definições, mas em suas manifestações cotidianas. Aqui, vemos o amor em expressões de saudade – do bairro, do casa, dos vizinhos e amigos, da história que a família

construiu no lugar. Nos muros de diferentes casas, lemos as seguintes frases: “Aqui morava uma família feliz”, “fomos felizes aqui!”, “bons amigos se reuniam aqui” “saudades eternas do Pinheiro”, “saudade Bebedouro”, “posso até sair daqui, mas esquecer jamais”, “gratidão, Pinheiro, por acolher nossa história por mais de 30 anos”, “família Nascimento, 70 anos de história nessa casa”, “55 anos deixados para trás!”, entre muitas outras. Várias pichações evocam memórias de um passado próximo, mas já nostálgico, que, à maneira de um ente querido velado, é lembrado por suas melhores qualidades.

- 45 Encontramos, por todos os lados, imagens que recuperam cenas comuns do cotidiano perdido. A Figura 10 retrata uma delas: nos azulejos remanescentes na parede de uma casa de esquina, o desenho de três dominós conectados em sequência, à semelhança de uma cruz. Uma das autoras foi levada até essa casa por uma interlocutora, que tinha uma relação afetiva com os antigos moradores. Essa interlocutora chamou atenção para o desenho e contou a história por trás dele: no pavimento térreo daquela casa funcionava um pequeno comércio de administração familiar, enquanto a família residia no primeiro andar. Todas as tardes, durante anos, o pai daquela família armava uma mesa na calçada e jogava dominó com os vizinhos e amigos enquanto cuidava do comércio junto com a esposa e, ocasionalmente, com a filha adulta.



Pichação de Peças de Dominó em Formato de Cruz

Fonte: Aissa Petronilho. Bebedouro, Maceió, 2022

- 46 Após a expulsão dos moradores daquela rua de Bebedouro, em 2021, a família não encontrou na cidade um imóvel que comportasse todos os parentes que coabitavam na antiga residência, tampouco um que pudesse reproduzir o mesmo arranjo de comércio/moradia. Tanto o auxílio aluguel como o valor final da indenização proposta pela Braskem nos parâmetros do Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação foram insuficientes para assegurar a reprodução da forma de vida daquela família, considerando o profundo impacto da catástrofe no mercado imobiliário de Maceió (Angelo, 2021).

- 47 O pai da família, descrito por nossa interlocutora como um senhor de certa idade, sofreu imensamente a perda da comunidade, da interação diária com amigos e vizinhos que não conseguiu se restabelecer no bairro em que hoje reside, além, evidentemente, da fonte de renda da família. O desenho dos dominós é, portanto, um monumento erigido à socialidade da vizinhança, um testemunho da importância dos laços afetivos que foram rompidos ou fragmentados. Para a família, esse é o símbolo mais representativo das memórias queridas de sua vida passada.

Crime

- 48 Em contraste, um tema pungente que atravessa o conjunto de pichações que analisamos refere-se à natureza criminosa do desastre. Entendemos que o processo de exprimir e alocar a culpa pela perda é parte importante do trabalho do luto. Aqui, a culpa é invariavelmente atribuída à Braskem; ademais, é elaborada de maneira específica e estratégica. As pichações expressam sentimentos de revolta e indignação, estampando as ruínas com acusações: "Braskem criminosa", "Braskem ladrona", "#ForaBraskem", "Xô Braskem", "Braskem destruiu o Pinheiro", "Braskem, seu lucro cheira a sangue", "dinheiro de lágrimas", "bando de ladrão e assassinos", "Braskem destruidora de lares e famílias", "Queremos justiça!", "Somos vítimas da Braskem", "Fora Braskem, Pague o povo" [Figura 11]. Aqui, a culpa é invariavelmente atribuída à Braskem; ademais, é elaborada de maneira específica e estratégica. Ao caracterizar o afundamento dos bairros como crime, os moradores estão tomando parte em uma disputa semântica em torno do enquadramento jurídico do desastre.



Pichação FORA BRASKEM PAGUE O POVO

Fonte: Luiza Souza, Pinheiro. Maceió, 2022

- 49 É um fato amplamente conhecido na região que os termos de acordo firmados entre o Ministério Público, a Defensoria Pública – ambos em suas instâncias federais e estaduais

– e a Braskem em 2020 (Brasil, 2020) permitem a completa evasão de responsabilidade por parte do conglomerado petroquímico. No primeiro acordo firmado para “apoio na desocupação nas áreas de risco” (2020), consta a seguinte cláusula:

CLÁUSULA 32ª. Todas as obrigações assumidas pelas PARTES neste TERMO não (sic) importam em reconhecimento de responsabilidade da BRASKEM pela desocupação das pessoas das ÁREAS DE RISCO ou pelos (sic) IMPACTOS PBM e não poderão ser interpretadas neste sentido (Brasil, 2020).

- 50 Na redação do documento, o termo “impactos PBM” foi cunhado para designar a destruição que consumiu por inteiro os bairros do Pinheiro, Bebedouro e Mutange, dando um semblante de tecnicidade ao argumento. O acordo imputa obrigações à Braskem mas, ao abrir mão do nexos causal já estabelecido por peritos da CPRM, desonera a empresa de qualquer agravante associado à responsabilidade criminal. Assim estabelecido, o acordo deixa o caminho livre para os mais extravagantes reposicionamentos de marca que o departamento de marketing da gigante petroquímica possa conceber. Desde já, vemos que as peças publicitárias da Braskem apresentam o evento como um “fenômeno geológico”, projetando seus desdobramentos desastrosos para o domínio semântico da natureza⁷.
- 51 A insistência dos moradores em caracterizar a destruição dos cinco bairros como um crime, rejeitando veementemente a leitura da subsidência do solo como um “desastre natural”, exerce uma pressão sobre a construção narrativa do evento. Devolve-o, portanto, ao domínio da história, dos conflitos sociais. No lugar do sujeito “atingido” ou “afetado” pelo desastre, uma construção técnico-jurídica que domina os documentos oficiais⁸, encontramos a figura da vítima. “Somos vítimas da Braskem”, declara a pichação nas ruínas do Pinheiro. É a partir da condição compartilhada de vítimas de um crime ambiental que os novos sujeitos coletivos se constituíram e se organizam politicamente no rescaldo deste evento crítico.
- 52 A importância da nomeação da violência perpetrada pela mineradora é evidente para os próprios movimentos contestatórios: em 2020, lideranças populares provenientes de grupos e associações comunitárias dos cinco bairros afundados convergiram para fundar o Movimento Unificado de Vítimas da Braskem, com o objetivo de unir as pautas das comunidades e trabalhar em torno de um projeto comum. Desde então, o MUVB tem sido uma das frentes organizadas mais atuantes em prol das reivindicações dos moradores, ex-moradores e comunidades vitimadas pelo grande empreendimento extrativista.
- 53 O trabalho de nomear a violência da mineração feito por meio da intervenção urbana não reflete apenas lutas semânticas. Nas palavras de Das (2020, p. 274), o ato de nomear reflete o ponto em que o corpo da linguagem se torna indistinguível do mundo; constitui uma enunciação performativa. Nesse sentido, compreendemos que as pichações não apenas ilustram ou descrevem as ruínas dos bairros fantasmas, são parte constituinte delas. Estão ali presentes ao lado de uma miríade de outros códigos: registros gráficos de uma vida cotidiana que não existe mais, códigos de série estampados para identificar imóveis condenados (ver Figura 9), placas de sinalização de risco, perigo e rotas de fuga instaladas pela Defesa Civil, e inúmeros anúncios publicitários da Braskem, demarcando o território como propriedade da empresa. As pichações nas estruturas arruinadas dos bairros fantasmas expressam a dor da perda e a injúria do crime, e são, em igual medida, uma forma de reapropriação do espaço

tomado. Como testemunhos, elas evidenciam como o trabalho do luto abre espaço para a ação coletiva e para a criação de uma comunidade política.

- 54 Caracterizamos o arruinamento dos bairros como um evento crítico (Das, 1995, 2020) para dar ênfase à ruptura com os modos cotidianos de apreensão da realidade, que ensejou novos modos de ação política e novas subjetividades no esforço de habitar novamente esses espaços devastados em um gesto de luto e protesto. Não foi nosso intuito prover uma lista exaustiva de novas subjetividades individuais e coletivas inauguradas a partir deste marco; todavia compete chamar atenção uma última vez para a tríade de figuras que se destacaram na nossa leitura do evento a partir das pichações nos bairros fantasmas: a vítima, o perpetrador e a testemunha. A figura da vítima supõe a do perpetrador. Diferente do sujeito jurídico do atingido, produzido nos documentos oficiais, ela obriga o reconhecimento da violência fundadora desse novo estado de relações. A categoria de testemunha, por sua vez, é polissêmica e multissituada, como indicamos anteriormente. Enquanto pesquisadores, também assumimos a posição de testemunhas da violência colossal que foi cometida, e a assumimos como um imperativo ético de compromisso com nossos interlocutores na relação de pesquisa.

Considerações finais

- 55 O testemunho do deslocamento compulsório nos cinco bairros de Maceió atingidos pelo afundamento do solo, produto da mineração de sal-gema, é materializado na paisagem dos bairros abandonados. Enquanto nosso objeto de análise, as pichações revelam, em meio aos escombros, um discurso comunitário que expressa, por um lado, o luto e memória coletiva, e por outro, as demandas e reivindicações dos atingidos por um crime socioambiental. Ao considerarmos as mudanças aceleradas no território, abruptamente descaracterizado pelo seu arruinamento, entendemos que o registro das pichações e ações interventoras de projetos fotográficos locais permitem atravessar as fronteiras de espaços controlados pela Braskem e atingir novos circuitos, assim como fronteiras temporais ao preservarem registros de espaços e signos expostos à destruição. A transposição da imagem das pichações, seja para outros bairros de Maceió ou em circuitos digitais, aciona uma tomada política a partir dessa movimentação, incluindo novos agentes no esforço pela coletivização do crime socioambiental.
- 56 A partir da interposição entre estudos sobre *graffiti* e pichações em contextos críticos e a literatura sobre processos de arruinamento, entendemos que o presente trabalho colabora com ambos campos teóricos. Em relação ao primeiro, por incluir pichações e grafites dentre as ferramentas de luta e espaço de luto acionados por atores sociais em contexto de deslocamento compulsório, reapropriando do próprio espaço que lhes é negado para expor seus lamentos e reivindicações. Já no que se refere ao segundo campo, reconhecemos que as principais temáticas teóricas abordadas pela literatura sobre arruinamento se apresentam pragmaticamente nas manifestações realizadas pelos atores sociais em espaços de arruinamento.

BIBLIOGRAFIA

- ALDERMAN, Derek; WARD, Heather. Writing on the Plywood: Toward an Analysis of Hurricane Graffiti. **Coastal Management**, v. 36, p. 1–18, 2008.
- ANGELO, Maurício. Crime socioambiental transformado em lucro imobiliário: o caso da Braskem em Maceió. **Observatório da Mineração**, 2021. Disponível em: <<https://observatoriodamineracao.com.br/crime-socioambiental-transformado-em-lucro-imobiliario-o-caso-da-braskem-em-maceio/>>. Acesso em: 9 mai. 2022.
- ARCHAMBAULT, Julie Soleil. "Concrete violence, indifference and future-making in Mozambique". **Critique of Anthropology** 41, nº 1, p. 43–64, 2021. <https://doi.org/10.1177/0308275X20941573>.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Termo de Acordo Para Apoio na Desocupação das Áreas de Risco (Processo n. 0806577-74.2019.4.05.8000). Maceió: MPF/MP-AL/Braskem, 2020.
- CAMPOS, Ricardo. Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti. **Etnográfica**, v. 13, n. 1, p. 145–170, 2009.
- CARASTATHIS, Anna; TSILIMPOUNIDI, Myrto. Against the wall. **City**, v. 25, n. 3–4, p. 419–435, 2021.
- DAS, Veena. **Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India**. Delhi: Oxford University Press, 1995.
- DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Tradução Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. 312p.
- DAWDY, Shannon Lee. "Clockpunk Anthropology and the Ruins of Modernity". **Current Anthropology** 51, nº 6, p. 761–93, 2010. <https://doi.org/10.1086/657626>.
- DI FILIPPO, Marile. Los movimientos sociales y sus prácticas estético-artísticas en el nuevo milenio. Un análisis del repertorio de protesta debido al asesinato de Pocho Lepratti en el 2001 argentino". En VALLS, Pierre (comp.) **Fe de Erratas: Arte y Política**, Ediciones Colaterales, México, 2016.
- FRAGOSO, Elias (org). **Rasgando a cortina de silêncio: o lado B da exploração do sal-gema de Alagoas**. Ed. Instituto Alagoas, Maceió - AL, 2022, 172p.
- GAÑKO, Anna. "Empty City Spaces. Practices of Unseen". **Journal of Education, Culture and Society** 10, nº 2, p. 245–51, 2019. <https://doi.org/10.15503/jecs20192.245.251>.
- HAGEN, Carol A.; ENDER, Morten G.; TIEMANN, Kathleen A.; *et al.* Graffiti on the great plains: A social reaction to the Red River Valley flood of 1997. **Applied Behavioral Science Review**, v. 7, n. 2, p. 145–158, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAWORTH, Billy Tusker; LEPP, Eric; ARTHUR, Catherine; *et al.* "Your wall cannot divide us": Graffiti in Cyprus and insights into conflict-affected landscapes. **SAUC - Street Art and Urban Creativity**, v. 8, n. 2, p. 35–49, 2022.

LIMA, Fabio Rogerio Batista [UNESP; SANTOS, Placida Leopoldina Ventura Amorim da Costa [UNESP; ZAFALON, Zaira Regina. Documentary representation for access and visibility to graffiti. **Em Questão**, p. 20, 2022.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p.17-37.

MARINHO, Juliana. **Afundamento do solo em Maceió leva cerca de 60 mil moradores a deixarem casas | Brasil: Diário de Pernambuco**. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2022/06/afundamento-do-solo-em-maceio-leva-cerca-de-60-mil-moradores-a-deixare.html>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MARTIN, Daryl. "Introduction: Towards a Political Understanding of New Ruins". **International Journal of Urban and Regional Research** 38, n° 3 2014, p. 1037-46. <https://doi.org/10.1111/1468-2427.12116>.

MARTINS, Mário Henrique da Mata, e RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira. "Repertórios linguísticos dos riscos industriais no Pontal da Barra, Maceió". **Athenea Digital. Revista de Pensamento e Investigación Social** 16, n° 1, p. 139-58, 2016.

MBEMBE, Achille; ROITMAN, Janet. "Figures of the Subject in Times of Crisis." **Public Culture** 7, p. 323-52, 1995.

MEDEIROS, Flávia. "**Presente!**": um olhar etnográfico sobre o lugar social dos mortos em Buenos Aires. Revista Antropolítica, Niterói, UFF, n. 37, p. 319.338, 2. sem. 2014.

MILLINGTON, Nate. "Post-Industrial Imaginaries: Nature, Representation and Ruin in Detroit, Michigan: Nature, Representation and Ruin in Detroit". **International Journal of Urban and Regional Research** 37, n° 1, p. 279-96, 2013. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.2012.01206.x>.

PAVONI, Andrea & ZAIMAKIS, Yiannis & CAMPOS, Ricardo. (2021). **Political Graffiti in Critical Times**. The aesthetics of street politics. Campos, Ricardo, Andrea Pavoni, e Yiannis Zaimakis, orgs. Berghahn Books, 2021.

PITA, María Victoria. **Formas de vivir y formas de morir**: el activismo contra la violencia policial. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: *Del Puerto*; Buenos Aires: Centro de Estudios Legales y Sociales - CELS, 2010.

PUSCA, Anca. "Industrial and Human Ruins of Postcommunist Europe". **Space and Culture** 13, n° 3, p. 239-55, 2010. <https://doi.org/10.1177/1206331210365255>.

REYES HERRERA, Sonia E., Juan Carlos Rodríguez Torrent, e Patricio Medina Hernández. "El sufrimiento colectivo de una ciudad minera en declinación. El caso de Lota, Chile". **Horizontes antropológicos** 20, n° 42, p. 237-64, 2014. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200010>.

RIBEIRO, May Waddington Telles. O encontro das antropologias do meio ambiente e dos desastres no Brasil. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. n. 93, p. 1-25, 2020.

SCHAFERS, Marlene. "Ruined Futures: Managing Instability in Post-Earthquake Van (Turkey)". **Social Anthropology** 24, n 2, p. 228-42, 2016. <https://doi.org/10.1111/1469-8676.12274>.

SHARAF, Radwa Othman. Graffiti as a Means of Protest and Documentation in the Egyptian Revolution. **African Conflict & Peacebuilding Review**, v. 5, n. 1, p. 152-161, 2015.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca**: etnografia e uma proposta de entendimento. Dissertação (mestrado) – UFRJ / PPGSA / Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia, 2007.

TADDEI, Renzo. Os desastres em uma perspectiva antropológica. **Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. 2016.

TEIXEIRA, Raquel. "A lama e suas marcas: neoextrativismo e seus efeitos em um contexto de desastre". *Revista Perfis Económicos*, nº 5, 2018. <https://doi.org/10.22370/rpe.2018.5.1237>.

TICIANELI, Edberto. "Descoberta de sal-gema em Alagoas foi por acaso". **História de Alagoas** (blog), 22 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/descoberta-da-sal-gema-em-alagoas-foi-por-acaso.html>

VAINER, C. B. Conceito de "Atingido": Uma Revisão do Debate. In: ROTHMAN, F. D. (Ed.). **Vidas Alagadas**: Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens. Viçosa: Ed. UFV, p. 39-62, 2008.

VICTORIA, Mabel. **Graffiti**, Place and Society. 2022. Disponível em: <<https://napier-repository.worktribe.com/output/2873909/graffiti-place-and-society>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VIEIRA, Maria do Carmo. **Daqui só saio o pó**: conflitos urbanos e mobilização popular: a Salgema e o Pontal da Barra. Maceió: EDUFAL, 1997.

ZIELENIEC, Andrzej. The right to write the city: Lefebvre and graffiti. **Environment Urbain / Urban Environment**, n. Volume 10, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/eue/1421>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

NOTAS

1. O trabalho de Teixeira (2018) menciona mensagens anônimas escritas nas ruínas de Bento Rodrigues após o desastre da Samarco no Rio Doce. "(...) Deixada sobre parte do muro da escola foi grafado: "Vivi grandes momentos da minha vida aqui" e "Samarco queria nos matar, mas Jesus nos salvou" (Teixeira, 2018, p. 88).

2. Os bairros do Pinheiro e do Farol eram caracterizados enquanto bairros de camadas médias, ainda que não fossem considerados bairros nobres na cidade de Maceió. Enquanto o primeiro era mais residencial, o Farol, parcialmente ainda existente, é mais comercial. Bebedouro, Bom Parto e Mutange, este último localizado em uma encosta, eram bairros periféricos. A mineração atingiu diretamente os cinco bairros, porém os efeitos para as camadas pobres que não conseguiram se restabelecer em bairros próximos aos que viviam e que perderam suas fontes de renda, muitas vezes relacionadas à pesca, foram mais profundos e resultaram num processo de êxodo urbano.

3. Como se vê na Figura 3, a Ladeira do Calmon, no bairro do Bebedouro, ainda é utilizada como via alternativa para o trânsito na cidade. Até o momento da fotografia, em novembro de 2022, duas famílias seguiam em negociação pelo valor da indenização com a Braskem. Os moradores continuavam morando em suas residências e convivendo com animais e pragas que surgiam nos imóveis, além da insegurança por estarem em área praticamente abandonada.

4. A ação faz parte do Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação iniciado em 2020 após Termo de Acordo firmado entre a empresa e o MPF, MP/AL, DPU e DPE em setembro do mesmo ano (Ribeiro, 2022).

5. Aqueles que seguem morando em suas casas em áreas majoritariamente inabitadas também questionam para que serve a segurança contratada pela empresa se os mesmos seguem reféns de assaltos e arrombamento de seus imóveis.

6. Veena Das (2020) argumenta que a voz não é idêntica ao discurso, tampouco se opõe à escrita – a voz não é apenas enunciação, tampouco a escrita é somente gráfica. As dimensões do *narrar* e do *mostrar* coexistem no ato de falar, imiscuindo presença e ausência de maneiras complexas (p. 30-35). No mesmo passo, Das trabalha com a noção de que as palavras podem se desprender de sua origem e trilhar caminhos diversos das intenções de seus autores, o que implica em novas possibilidades e também em ameaças imprevistas (p. 31). Essas considerações foram de grande proveito para a análise que segue.

7. Ver Nascimento e Sobrinho (2022) para uma discussão mais detida sobre as estratégias de comunicação pública da Braskem no desenrolar da catástrofe em Maceió.

8. A concepção de atingido empregada nos acordos judiciais e outros documentos oficiais pertinentes ao caso compartilham limitações comuns às encontradas na literatura sobre desastres ambientais, restringindo largamente a compreensão de danos aos aspectos patrimoniais e às áreas diretamente impactadas (Vainer, 2008).

RESUMOS

O presente artigo propõe uma reflexão sobre pichações presentes nas ruínas de bairros em afundamento na cidade de Maceió, Alagoas. O desastre socioambiental, que atinge cinco bairros da capital, é resultado da exploração de sal-gema pela petroquímica Braskem S/A e culminou no deslocamento compulsório (Haesbaert, 2004) de cerca de 60 mil pessoas. Com base em investigações etnográficas independentes, pesquisa documental e em diálogo com dois projetos fotográficos locais, compilamos um conjunto de pichações e grafites feitos por moradores e ex-moradores dos bairros condenados. Discutimos as intervenções relacionadas às materialidades do arruinamento, atentando-nos para as maneiras com que memórias, frustrações, denúncias e reivindicações são expressas nos escritos e desenhos pichados em muros depredados. Logo, buscamos examinar como os atores sociais se articulam em resposta à violência perpetrada e encontram maneiras de reocupar os signos da destruição, reconfigurando subjetividades e inaugurando novos modos de ação histórica (Das, 2020).

This article proposes a reflection on urban interventions in the ruins of sinking neighborhoods in the city of Maceió, Alagoas. The socio-environmental disaster, which affects five neighborhoods of the capital, is the result of the exploration of rock salt by the petrochemical company Braskem S/A, which culminated in the compulsory displacement (Haesbaert, 2004) of around 60 thousand people. Based on independent ethnographic investigations, document research, and in dialogue with two local photographic projects, we compiled a set of graffitis made by residents and former residents of the condemned neighborhoods. We discuss the interventions in relation to the materialities of the ruin, paying attention to the ways in which memories, frustrations, complaints and claims are expressed in the writings and drawings graffitied on the walls of homes and businesses that have been disfigured. Thus, we seek to examine how social actors

articulate in response to perpetrated violence and find ways to reoccupy the signs of destruction, reconfiguring subjectivities and inaugurating new modes of historical action (Das, 2020).

ÍNDICE

Keywords: graffiti, ruins, mining, Maceió, Braskem

Palavras-chave: pichação, ruínas, mineração, Maceió, Braskem

AUTORES

LUIZA SOUZA

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: luiza.fonseca@ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8180-654X>

AISSA SIMAS PETRONILHO

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília

E-mail: simasaissa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4991-4244>

CARLOS EDUARDO

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas. Criador do projeto Cotidiano Fotográfico

E-mail: eduardolopesdu14@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9803-7412>